



de Literatura

Viagem à roda da África, romance de aventuras infantis — por Maria Archer — Edit. "O Século"

Sobre o interessante intuito de contribuir para o desenvolvimento, aliás tão necessário, da literatura infantil portuguesa, propoz-se Maria Archer escrever um livro para crianças. E dizemos propoz-se, porque nos parece que não conseguiu totalmente o seu objectivo.

Esbarrou com as muitas dificuldades que surgem a todos os que pretendem escrever para crianças.

A expressão infantil é duma simplicidade tal que se torna dificultoso a adultos interpretá-la na transmissão de imagens, idelas ou conhecimentos que se deseja fazer. O raciocínio da criança é muito limitado. A sua actividade psíquica é rápida e pouco persistente. Muda constantemente de objectivos. Razão porque as histórias que lhe são destinadas devem ser escritas em estilo bastante vivo e imagens claras, de modo a provocar-lhes interesse.

Isto dá-se com as narrativas orais. Para se dizer bem um conto à criança é necessário o talento de actor.

Ora se isto acontece com a exposição oral que dizer dos escritos destinados à infância, onde há que contar a menos com a impressionabilidade do ouvido?

Não é preciso grande bagagem de conhecimentos de psicologia e pedagogia para se reconhecer esta verdade. Basta num exame retrospectivo lembrarmos-nos do enfado, do desânimo que nos provocavam as histórias longas, cheias de descrições maçudas.

O interesse infantil é o principal ponto a considerar em trabalhos deste género. Maria Archer consegue pelo enredo manter esse interesse nos jovens que tenham já um certo desenvolvimento.

Pudemos verificá-lo pela observação dum desses jovens a quem emprestámos o livro. Registamos a sua opinião: «E' bom. Tem aventuras interessantes e é instrutivo. Por exemplo: eu desconhecia aquele drama da cidade de Pompeia. Fiquei a conhecê-lo. Tem descrições históricas apropriadas».

Nota-se através de toda a obra a preocupação de descer, ou melhor, de recorrer tanto quanto possível ao vo-

cabulário infantil. Porém, como isso é difícil de manter, acontece que a autora volta frequentemente ao seu estilo próprio, ao estilo para adultos.

Mas fôsse esse o único defeito da obra. Não tivesse ela aquelas cenas sangrentas, de tiros, de mortes, como castigos providenciais, nem passagens lendárias apresentadas como factos verdadeiros, nem aquele conto do Mussá com leões, elefantes e coelhos a falarem como homens e o trabalho de Maria Archer seria então digno dos nossos elogios.

Maria Archer tem qualidades e pode tentar novas publicações infantis mais cuidadas do que esta, ilustrando-as contudo mais condignamente, pois as gravuras de «Viagem à roda da África» são muito infelizes.

M. F.

Poemas de Amor Pagão, de João Tendeiro — Edições "Mensagem" — Lisboa, 1938.

«Poemas de Amor Pagão» é um livro de trinta páginas em que o autor, através das doze poesias que o compõem, nos dá conta dos seus desejos, renúncias e anseios amorosos pelo corpo esbelto e fremente duma jovem: assunto que enche todo o livro. E isto em versos dum lirismo sem esforço, duma verdade sem disfarces.

Contudo, o trabalho sofre do mal de não apresentar variedade. E, assim, dos doze poemas apenas dois fogem à obcecção sexual de que o autor se mostra possuído em todo o livro — e digo obcecção porque, embora o título indique claramente o sentido da obra, a verdade é que o amor-desejo não se limita a ser a sua preocupação dominante, mas a sua única preocupação.

As duas composições, a que me refiro acima e que, em parte, quebram a monotonia de «Poemas de Amor Pagão» (monotonia provocada pela repetição do mesmo assunto tratado dentro dos mesmos moldes) são: «Canção da negra triste» e «Marinha».

«Canção da negra triste» é, sem dúvida, o poema mais equilibrado, chelo de beleza na compreensão humana pela solidão da pobre e triste negra da senzala:

... ..
E' ela ficou deixada na areia,
A acumular
Desejos,

A querer trocá-la pela lama e pelo lodo...

... ..
Negra e pura, fresca e lusidia, virgem forte e nua a murmurar Orações ao luar,

Pedindo beijos...

Em «Marinha», onde quis ser subjectivo, profundo, João Tendeiro conseguiu apenas ser vazio e ridículo.

M. A.

LIVROS BRASILEIROS

«Kukulcan», por Eduardo Tendeiro.

E' um livro de impressões rápidas, ligeiras, sobre toda a América Latina. Viajando quasi sempre de avião o autor foi notando, de afogadinho, os aspectos principais e mais variados que lhe acorrem: história, paisagem, politica e religião — de tudo existe no livro, umas notas por minúsculas que sejam, no decorrer do filme que é a viagem do autor.

A visita ao santuário de N. S. da Guadalupe (o *Sancta Sanctorum* mexicano) sugere a Eduardo Tourinho: «Entre os quatorze milhões de almas que povoam o México, dez, pelo menos, são nativos. E essas populações dão a impressão de que guardam até hoje, reminiscências dos idolos rubros que seus antepassados adoraram». Daqui o concluir com as conhecidas palavras de Le Bon de que é mais fácil arrancar-se a um povo a sua liberdade que a sua religião. A continuidade feiticista no México, embora o objecto desse feiticismo sejam desde a colonização, os santos do cristianismo, mostra simplesmente que não pode haver elevação religiosa num povo sem elevação intelectual. Não é possível fazer penetrar o cristianismo, com toda a sua nobreza de sentimentos em almas que no fundo permanecem bárbaras.

Na própria Europa, com tantos séculos de cristianismo sobre as costas, a religião resume-se, para a maioria das pessoas, na feitiçaria mais grosseira e muitos santuários de Guadalupe por aí se espalham. Como estamos longe daquela religião que Cristo desejava: «em espirito e verdade é preciso que o adorem aqueles que o adoram».

Aproveita o autor a passagem por Cuba, sempre irrequieta em sua vida pública e mudando continuamente de idolo político, para expandir os sentimentos modernistas que professa em politica — não curando se elles vão contra a lógica do raciocínio e a nobreza do sentimento, preferindo a paz do pântano à

vida no vulcão. Talvez que esse modernismo em politica seja diferentemente julgado pela história do que o é pelos contemporâneos, e daquilo que Eduardo Tourinho pensa: falta-lhe a nosso ver o equilíbrio marca essencial de toda a superioridade, e exactamente a virtude do equilíbrio aspira o regime que não tem as graças do sr. Tourinho. Não se pode condenar uma forma politica por ela não ter produzido tudo o que devia quando os homens que a applicaram eram os seus maiores inimigos. Estaria o mundo mais avançado moral e intellectualmente se as formas politicas de hoje tivessem surgido há um século quando surgiram as precedentes?

RAUL DO REGO

A. B. C. de João e Maria, por Marques Rebelo e Santos Rosa.

E' um compêndio de estampas convenientemente coloridas, destinado à apreciação das crianças e editado pelas fábricas de farinhas «Nestlé» em S. Paulo, que se aproveitou do motivo para reclamo dos seus produtos.

E' um interesse comercial aceitável porque serve sem prejuizos a Pedagogia.

O livro insere uma coleção de gravuras representando cenas infantis tendentes a despertar o gosto pela vida ao ar livre, pelas plantas, pela família, etc.

Abre com a apresentação do alfabeto em caracteres malúsculos e minúsculos e seguindo a ordem desses caracteres traz impressa por baixo de cada gravura uma frase interpretativa.

Beneficiaram as crianças brasileiras desta publicação gratuita, graças à simpática iniciativa duma empresa industrial que honra deste modo a classe a que pertence.

Gostaríamos de ver as grandes firmas portuguesas reproduzir estas iniciativas dos nossos irmãos de além mar. Não nos pouparíamos ao íntimo prazer de lhes exaltar aqui tão útil como simpática attitude.

M. F.